



Aurora Furtado

BOCA

jornal dos funcionários, estudantes e professores do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

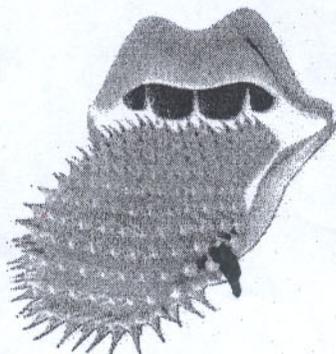
Preserve os
BOCAs!
Devolva-os ao
lugar onde o
encontrou!

São Paulo, 28 de março de 2008. Ano 1. Edição 6 -

Editorial

Mais um ano começa, e a vida da nossa comunidade enfrenta novos desafios. Um deles, de grande relevância para nós, é manter a BOCA aberta. O BOCA reiniciou suas atividades no meio do ano passado, com uma comissão independente, com uma tiragem baixa devido as dificuldades de se arrecadar fundos. Esse ano mantemos o intuito inicial do projeto de dar voz aos integrantes do IPUSP. Em meio a um contexto tão individualizante e burocratizante como a nossa sociedade e a atual universidade pública, tentamos abrir um espaço verdadeiramente público e comum. Em meio a acontecimentos e discussões que abalam as organizações e as credibilidades do instituto, tentamos abrir um espaço para a troca de pontos de vista e para a exposição de idéias. Em meio a uma vida acadêmica que almeja a produtividade, tentamos abrir espaço para a arte e a poesia. Como integrantes da comissão, pensamos ser impossível estarmos preocupados com a comunicação e a discussão entre as pessoas do instituto sem estarmos atentos à questão do concurso do PSC. Esperamos que as pessoas dêem a devida atenção ao caso, independente de julgamentos, veredictos ou opiniões. A emergência do caso ao público já evidencia sua importância, e suas implicações no instituto têm de ser discutidas.

Aproveitamos para convidar mais uma vez alunos, funcionários e professores para integrarem à comissão editorial do BOCA. Fazemos um convite especial aos calouros interessados para participarem uma reunião para conhecer nossa comissão! As reuniões são às segundas-feiras, às 13h00, na praça do Apego.



Indagações institucionais

O currículo de um curso de ensino superior é o seu corpo. É a estrutura que permite o fluir do ensino, das relações estudantes-professores, do direcionamento acadêmico e político daquilo que se está em jogo quando se escolhe determinados enfoques de uma área do conhecimento.

No nosso caso, aqui na USP, quem monta o currículo? Os professores. Eles são, afinal, os responsáveis pelo ensino. Uma vez criado o curso dentro de uma universidade, professores da área são chamados e montam o currículo, dentro de suas perspectivas de como deve ser o ensino de tal área. Isso inevitavelmente atende aos interesses de tais professores, uma vez que dificilmente algum deles alguma vez abriu mão de sua vaga como professor por achar que seu conhecimento não tinha validade no campo de conhecimento. Não que um currículo montado a base de interesses seja algo lamentável. É, de fato, inevitável. Não existe conhecimento neutro nem nunca haverá. Isso nem se quer é desejável ou possível, é apenas uma constatação.

Uma vez que um professor prova seu mérito acadêmico e consegue uma vaga no seio da instituição de ensino, ele ganha mais do que mérito e o posto de professor. Ele ganha poder político dentro dessa instituição. Num primeiro momento, esse poder pode não ser muito, mas com o passar do tempo e com o seu enraizamento na instituição, ele se torna mais relevante.

Pois bem, o tempo passa. Lamarck é deixado para trás, as super-cordas refutadas, a psiquiatria é questionada. Uma nova estruturação do currículo visa não apenas novos conteúdos, mas novas formas de lidar com o conhecimento. A mudança de currículo serve a interesse de quem? Apenas dos alunos?

Alterar a estrutura do nosso currículo envolve alterar a estrutura da burocracia institucional. Claro, sempre se pode alterar o currículo sem mudar sua estrutura, mutilar as matérias, trocar seus nomes, aumentar e diminuir seus créditos. Mas qual é a mudança verdadeira? Altera-se a ordem dos fatores.

Dando um exemplo hipotético, temos na instituição 10 professores de psicologia dos metais, mas o fato é que os alunos não vêem mais tal demanda para o estudo dessa área. Talvez 2 docentes pudessem dar conta. A grande questão é, será possível que 8 professores com poderes políticos

institucionais permitiriam isso acontecer? E a questão não é nem pela briga de quem está certo ou errado, alunos ou professores (mesmo porque, como eu já disse, o currículo é sempre formado por interesses), mas a simples questão de: será possível algum dia uma mudança assim? Será que de fato existe essa possibilidade de crítica e autocritica dentro da instituição? Ou estaremos fadados a um enrijecimento institucional de tal forma que as mudanças não passarão de sonhos?

Eu jogo isso como uma grande indagação. Posso estar equivocado em alguns detalhes técnicos dos meus argumentos, mas creio ser uma indagação sincera. Pessoalmente, com minha experiência e passagens (algumas breves, outras nem tanto) pelo grupo de R.D.s, CA, e como aluno que se importa e tenta estar ligado nas coisas que acontecem no nosso instituto, penso que a coisa que mais faz sentido para se tentar mudar a situação seria mudar a dinâmica institucional, não mais atrelando os docentes e seus departamentos às matérias (o que talvez levaria ou fosse levado pela reforma departamental). Isso é uma opinião pessoal, mas como todo discurso, não vem sem contexto.

Gostaria que a conversa não parasse por aqui, e que os próximos argumentos viessem de diferentes Bocas, sejam elas abertas para cuspir, sejam para elogiar, mas que sejam abertas.

Gordon (estudante - 06)

BOCA LIVRE



Pois é, mais um ano, mais um **BOCA** e mais coisinhas pra você fazer por aí:

no Cinema: Mostra "Marcas da Violência", com filmes muito bons como "Old Boy", "Ônibus 174", "Kill Bill", "Marcas da Violência", "Cachê", "Notícias de uma Guerra Particular" e outros. Confira em www.usp.br/cinusp (exibições até 28 de março)

no Teatro: "Quando as Máquinas Param", de Plínio Marcos, no TUSP, lá na Maria Antônia. (até 29 de março)

na Livraria da Vila (Al. Lorena, 1731) - Lançamento do livro "Temas em Psicologia da Religião", que conta com autores como Gilberto Safra (nosso quase diretor) e Geraldo Paiva (saudoso professor aposentado do IP). Dia 28 de março, das 19h às 22h.

Defesas de Tese

Doutorado

Paulo Francisco de Castro

Caracterização da personalidade de pacientes com Transtorno de Pânico por meio do Método de Rorschach: contribuições do sistema compreensivo
31 de março de 2008, às 10 horas

Doutorado

Fernando Frochtengarten

Caminhando sobre fronteiras: um estudo sobre a escolarização de adultos migrantes
1 de abril de 2008, às 14 horas

Doutorado

Lidia Rodrigues Schwarz

EnvelheSer: a busca do sentido da vida na terceira idade, uma proposta de psicoterapia grupal breve de orientação Junguiana
2 de abril de 2008, às 14 horas

Doutorado

Rosana Sigler

A importância da realidade na constituição do sujeito e na clínica psicanalítica: investigação sobre o trabalho de Melanie Klein e Hans W. Loewald
4 de abril de 2008, às 11h30

Mestrado

Ana Luiza de Figueiredo Steiner

Profissionais de saúde na relação com os pacientes portadores de esclerose lateral amiotrófica: aspectos psicológicos e de qualidade de vida
4 de abril de 2008, às 10 horas

Mestrado

Miriam Altman

Psicoterapia breve operacionalizada com idosos: uma investigação teórico-clínica
8 de abril de 2008, às 14 horas

Doutorado

Luís Gustavo Vechi

A psicologia analítica de Carl Gustav Jung no estudo de instituição: uma proposta teórico-metodológica
11 de abril de 2008, às 14 h

Para mais informações, consulte o site:

http://www.ip.usp.br/eventos/eventos_defesas.htm

E vem aí a
2ª Copa
de Sinuca



Bosco (estudante - 05)



LÍNGUA

Suplemento Literário do BOCA – vol. 01 ed. 2

Os Medos no Escuro

Numa noite dessas fui beber água na cozinha. Levantei-me da cama, estava tudo escuro e, pra piorar, não havia luz. Tive que ir devagar, tateando as paredes para evitar, ou ao menos tentar evitar, as quinas e paredes esquecidas.

O escuro dá medo, medo de cair, medo de se machucar, medo do inesperado. A luz cobre o que não existe. O escuro é vazio, o escuro é a ausência, ausência de luz, ausência de imagens. No escuro por não se ver se especula, nossa mente imagina muitas coisas. Às vezes achamos que algum objeto está ali como de costume, pois esquecemos que o levamos para o quarto. Ou então, quando batemos em alguma coisa que, por isso, muda de lugar, para nós que não estamos acostumados à escuridão, não sabemos ao certo como ela ficou.

Depois de conseguir beber minha água, tive que voltar. O caminho inverso parece mais fácil, vamos um pouco seguros, mas às vezes esbarramos na mesma mesa, e se a mão não encontra aquela quina, já novamente parecemos perdidos. Um passo pra trás, um passo pra frente, pá, pá, achei.

Sigo em frente. Quem tem quina na cama sabe onde mora o perigo. E pra se cobrir?! Procura dali, procura daqui, até achar a parte menor da coberta que foi apenas jogada pro lado quando se levantou.

Então fechamos os olhos... pra quê, se já está escuro? Bem, fechamos. Vamos para um escuro, um outro vazio, um vazio que tem luz própria, que ilumina as próprias imagens, que cria as próprias histórias. Um outro mundo, de sonhos e pesadelos, feito também pela busca de desejos, de medos e angústias. Um mundo que pouco conheço e que está dentro de minha cabeça, mas quando sonho, não me sinto dentro de minha cabeça.

Acordar e abrir para a luz os olhos. Poder novamente correr com menos medo de cair. Poder outra vez água beber, poder ver e sentir. Abusar, colocando as latas de cerveja de frente na porta da geladeira. “Mas onde está à frente?” Eu me perguntaria no escuro.

Se existe um futuro, ele é um presente descoberto, mas se foi descoberto, já é passado, não é mais presente. Se a luz do presente não ilumina o futuro, também não ilumina o passado. Mas assim como quando chegamos ao filtro de água, queremos saber o que nos trouxe até aqui, o porquê de estarmos aqui. E, assim como ao certo não sabemos o caminho de volta até a cama, tampouco entenderemos ao certo o que nos trouxe até aqui.

Ah como desce doce a água que mata a sede!

Danilo de Carvalho (estudante – 08)

Dois à Um

Algeme teus olhos nos meus
Que eu preciso confiar

Encosta teu nariz no meu
Que eu quero sentir o cheiro que sentes
O ar que exalas, confundindo-se com o meu

Encosta tua boca na minha
Que eu quero sentir o gosto que sentes
O gosto que vem de ti
O gosto que é teu e meu

Cola o teu corpo no meu
Não deixa nenhum vão sequer
Mostra o quanto nossas medidas foram feitas pela
divina simetria
Para nos encaixarmos
Como se formássemos um

Acaricia o teu corpo com a minha mão
Teus seios com a minha boca
Meus pés com tuas pernas
Afaga tua nuca pelos meus beijos
E teu rosto pelo meu...
Esparrama-te pelos meus pelos teus
Sussurra teus desejos para eu ler teus pensamentos
E derreta o cremoso de ti no que ainda resta sólido meu
Solubilize tua alma
Na minha tua alma
Em tua minha calma
Acalma alma nossa acalma

Espera
Não tente movimento algum
Ainda estamos pastosos

A solidificação nos transforma mosaico
E uma pequena rachadura nos definirá
Como se formássemos dois

Ronaldo Lopes Coelho (estudante – 04)

QUEM NÃO ESCREVE BEM É DOENTE?

Beatriz de Paula Souza - (funcionária)

A crescente patologização dos problemas de aquisição da leitura e escrita produzidos, fundamentalmente, pela má qualidade do ensino oferecido nas escolas, tem conquistado um lugar de destaque na abordagem das dificuldades escolares que crianças e adolescentes têm enfrentado, por parte dos profissionais de Saúde. Temos assistido, com frequência cada vez maior, à classificação de crianças com plena capacidade pessoal de alfabetizarem-se com desenvoltura, mas que têm um histórico de passagem pelas escolas que inclui condições desfavoráveis e mesmo hostis de aprendizagem nas mesmas, serem diagnosticadas como disléxicas. Essas crianças e jovens são encaminhadas a pediatras, neurologistas, psicólogos, fonoaudiólogos e à Associação Brasileira de Dislexia, geralmente por escolas que não puderam cumprir seu papel por questões internas ao sistema de ensino e ao dia-a-dia das unidades escolares. Emergem, do processo que se inicia com sua imersão no seio das especialidades da Saúde, como culpados pelo resultado das dificuldades de funcionamento das escolas pelas quais passam ou passaram, de que são vítimas.

Esses diagnósticos errôneos e estigmatizadores têm sérias conseqüências para a vida dessas crianças, que tendem a ter muitas de suas relações sociais mediadas pela idéia de que são portadoras de uma doença neurológica hereditária e freqüentemente introjetam tal idéia na imagem que têm de si próprias. Analisando como tais diagnósticos são feitos, percebemos claramente que as condições de ensino que ambientaram o desenvolvimento de suas dificuldades na alfabetização não foram investigadas com a devida atenção ou foram simplesmente desconsideradas nos procedimentos diagnósticos.

O próprio conceito de dislexia é polêmico. Em um artigo magistral, as Profas. Dras. Cecília A.L. Collares, da Faculdade de Educação e Maria Aparecida Moysés, da Fac. de Medicina, ambas da Universidade Estadual de Campinas, a UNICAMP, esclarecem-nos acerca do quanto este e outros supostos distúrbios de aprendizagem não têm uma conceituação consistente, fundamentando-se em estudos e pesquisas discutíveis quando se analisa sua metodologia. E sobre o quanto omissões e ocultações comprometedoras marcam a história do desenvolvimento de seu conceito¹.

No mesmo artigo, concordam com autores como Maria Helena S. Patto² e Jurandir Freire Costa³ ao denunciar a biologização, patologização e apropriação pelos especialistas em Saúde de questões e dificuldades que têm sua gênese em processos sociais e políticos. Assim, constituem-se em mordanças sociais, envolvidas pelo manto sagrado de uma pseudociência que oculta seu caráter ideológico.

É no bojo desse movimento que a proposição do Projeto de Lei contra o qual solicitamos seu apoio se insere. Trata-se do Projeto de Lei 0086/2006, da autoria do Vereador Juscelino Gadelha, que "dispõe sobre o Programa de Apoio ao Aluno Portador de Distúrbios Específicos de Aprendizagem diagnosticado como Dislexia", o qual encontra-se em trâmites na Câmara Municipal de São Paulo - seu texto está em www.camara.sp.gov.br.

O C.A. Iara Iavelberg é signatário do Manifesto contra tal Projeto de Lei. Esse Manifesto está disponibilizado como abaixo-assinado virtual em www.crp.org.br. Quer entrar nessa luta?

¹ MOYSÉS, M.A.; COLLARES, C.A.L. A história não contada dos distúrbios de aprendizagem. *Cadernos CEDES*, n. 28. São Paulo: CEDES, 1992. p. 31-48.

² PATTO, M.H.S. *A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: T.A. Queiroz. 1990.

³ COSTA, J.F. *Ordem Médica e Norma Familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

O caso Kayoko

Gordon (estudante - 06) e Gustavo (estudante - 04)

Os RD's já expuseram o caso aos estudantes, através de um e-mail enviado aos e-groups de todos os anos, portanto não iremos nos delongar em relação ao caso. O que queremos fazer com esse texto é expor acontecimentos recentes que nos preocuparam e que gostaríamos de dividir com a comunidade. Ocorreram três reuniões da Congregação onde foi discutido o caso, sendo uma delas em caráter extraordinário. Na última delas foi decidida a criação de um grupo de investigação, formado por três docentes que seriam responsáveis por pesquisar o vínculo da professora Kayoko Yamamoto com a professora Eliana Marcello De Felice (Universidade São Francisco), integrante da banca do Concurso para Professor Doutor para o PSC. Se o vínculo entre ambas for de caráter empregatício (patrão-empregado) agravaria-se o caso existindo inclusive a possibilidade do concurso não ser homologado pela congregação e decisão essa que só poderá ser revertida com um recurso. No entanto, se este vínculo empregatício não for constatado, o concurso será considerado válido, o que nos parece ser uma decisão razoável. O problema surgiu quando descobrimos quem irá fazer parte desta comissão. A professora Léia Prizskulnik logo se prontificou a entrar nesta comissão, alegando possuir todas as informações sobre o vínculo. Em algum momento convidaram o professor Leon Crochik, que se negou a participar da comissão afirmando já ter uma opinião formada a respeito do caso e temer enviar a investigação. Formou-se então um trio, com a entrada dos professores César Ades e Eda Tassara. Destes dois últimos nada a dizer. A professora Léia chefe do departamento do PSC seria uma escolha natural, dada a importância de seu cargo. No entanto, ela de uma forma ou de outra envolveu-se no caso com a suspeita ligação telefônica do professor Ryad Simon a ela, além de sempre demonstrar apoio a professora Kayoko. Gostaríamos de fazer um apelo à razão e pedir que este trio que acaba de assumir um papel tão importante para a conclusão do acontecido seja mais neutro, seguindo inclusive o exemplo de sensatez do professor Leon. Por último, há a necessidade de salientar que em nenhum momento existe dúvida com relação à índole da professora Léia, só nos parece não ser a melhor escolha para esta comissão, devido a seu complexo contexto.

Comissão Editorial: Chris Harit, Daniel Avila, Gustavo Henrique Lopes Ferreira, Lucas Gordon, Victor Eiji Yamada, Wilbert Godoy.

Os textos são de responsabilidade dos seus autores. A reprodução deste jornal é permitida desde que seja feita de maneira integral. É absolutamente proibida a sua reprodução parcial ou de pequenos trechos.